

CMPZ.1.4.280

Mata Santa Genebra

RESERVA CIENTÍFICA VITAL

PARA CAMPINAS E REGIÃO

Com a definição já oficialmente acertada entre a proprietária da Fazenda Santa Genebra, Jandira Pamplona de Oliveira, e o prefeito José Roberto Magalhães Teixeira, a mata de 70 alqueires que se situa à margem da rodovia Campinas-Paulínia, entre Betel e Barão Geraldo será preservada somente para fins científicos e administrada por uma Fundação. Ontem de manhã, no Departamento de Botânica da UNICAMP, era evidente a alegria dos especialistas das diversas cadeiras ao tomarem conhecimento dos entendimentos mantidos entre Jandira Pamplona e José Roberto Magalhães Teixeira. É que agora as pesquisas daquela Universidade poderão continuar sem qualquer restrição, pois contarão com um local apropriado para serem desenvolvidas e onde existe uma variedade de animais e vegetais de suma importância para estudos.

Conforme levantamentos feitos naquela área, o Departamento de Botânica da UNICAMP conseguiu explorar apenas 15% do total da mata Santa Genebra. Nesse espaço conseguiram classificar 138 espécies diferentes de árvores com uma dimensão média de 30 centímetros de diâmetro em seus troncos. As menores e a sub-mata ainda não foram estudadas, mas após instalada a Fundação que irá preservá-la e lá haver uma fiscalização para evitar ações predatórias, os cientistas das áreas de zoologia, ecologia, química, fito-química e taxologia instalarão aparelhos para obterem dados sobre o ciclo de vida da mata.

Para o professor Hermógenes de Freitas Leitão, diretor do Departamento de Botânica, a mata proporcionará muitas vantagens para as universidades de Campinas, porque elas terão um local para experiências e estudos muito próximo e cheio de variedades vegetais e animais. A riqueza da mata, lembra Hermógenes, está no fato dela apresentar praticamente três ambientes de vida vegetal e em cada um deles uma infinidade de espécimes sobrevive. Além disso, a mata Santa Genebra é primária, ou seja, nunca foi devastada e permanece com as características primitivas. Ela também é «uma das raras reservas brasileiras de mata em planalto de terra roxa».

ECO-SISTEMA

Ontem de manhã, a reportagem do CORREIO POPULAR visitou o interior da mata Santa Genebra juntamente com o ecólogo Fernando Roberto Martins, doutor em ecologia vegetal e responsável pela implantação dos métodos de estudos em sua área na Universidade de São Paulo e na UNICAMP, onde está desde 1974.

Fernando Roberto Martins explica que a mata Santa Genebra é de «extrema importância» para o meio ambiente da região. Ela serve como filtro que absorve muitas partículas poluidoras, repõe o oxigênio e mantém a temperatura local. Ela é mais duas matas existentes em Campinas, a do Bosque dos Jequitibás e a pequena extensão de área verde em outra parte da Fazenda Santa Genebra,

ao lado da rodovia Dom Pedro I, ficam próximas uma das outras num diâmetro de 16 quilômetros. Nesse espaço podem ser encontrados diversos tipos de solos, espécies vegetais e animais, o que proporciona uma diversidade muito rica de espécies de vida conhecidas e ainda por serem descobertas. Essa é a importância científica, para Fernando, das áreas verdes localizadas no município.

VARIEDADES DE ESPÉCIES

Por volta de 1930, os fazendeiros utilizavam a mata Santa Genebra para plantar sementes de café sob as copas das grandes árvores. Essa planta necessita de sombra enquanto «muda», por isso era mantida naquela estufa natural. Hoje, ao penetrar na mata pode-se perceber inúmeros pés de café com seus frutos coloridos, em estado selvagem.

Também são encontradas jabuticabeiras, perobeiras, urtigas, araribás vermelhos, coqueiros, canelas, paus-d'alho, paineiras etc. Inclusive, árvores de madeiras nobres surgem com frequência, por-

que o ciclo de vida na mata ainda é normal e permanece praticamente intocável.

Segundo Fernando, apenas nos 15% de área conhecida da Santa Genebra, constatou-se uma série de espécies de árvores, que servem como instrumentos de verificação da etapa de vida da mata. Por exemplo, as urtigas são encontradas em locais que já foram, algum dia, clareiras. O coqueiro prova que, há anos, houve um pequeno desmatamento de certos locais.

Por outro lado, o ecólogo afirmou que a maior dificuldade encontrada para classificar o restante das espécies é o mató cerrado existente no interior. Conhecer uma árvore implica em colher folhas, flores e frutos dela. Algumas, contudo, somente têm flores e frutos em determinadas épocas. Além disso, a altura delas dificulta a colheita dessas amostras.

Também a manutenção de picadas para entrar no meio da mata é difícil, pois o seu crescimento é

rápido. Portanto, periodicamente deve haver alguém abrindo e reabrindo esses pequenos caminhos, que não alcançam toda a mata.

Fernando disse ainda que os camponeses da região e alguns caçadores procuram a mata para obterem lenha e mesmo montar armadilhas para animais. Isso está destruindo alguns espécies de vegetais e rareando certos animais.

Uma figueira antiga, de grande copa, com aproximadamente 17 metros de altura, está com parte de suas raízes decepadas por golpes de machado. E os dois bandos de macacos bugios tendem a desaparecer, pois são constantes vítimas de caçadores. Esses bugios são difíceis de serem vistos. Eles vivem em local ainda inacessível mas são, uma vez ou outra, colhidos em armadilhas. Já o Departamento de Zoologia conseguiu, nesse espaço conhecido da mata, classificar até o momento 18 espécies de roedores. Animais de porte grande já praticamente não existem.

HOJE
INÍCIO DA PRIMEIRA
FEIRA DO VINHO
A PARTIR DAS 14:30 H. ATÉ DIA 13 DE JUNHO.

NO
SHOW

PARTICIPANTES:

FABRIZIO FASANO

MARTINI e ROSSI

D'ARGENT

VINICOLI

CO